



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE-ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE04912011GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
 Director: Padre João Rosa
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

26 de Março de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1749

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
 Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt

Cantinho dos Padres da Rua

ONTEM, reunimo-nos, os padres da rua, num lugar nada comum, nem central; dir-se-ia mesmo, nada adequado nem habitual — o Hospital de Santo António, no Porto.

Contávamos que pudesse ter sido no Lar do Gaiato do Porto — não só a refeição do meio-dia, mas, também, a nossa reunião. Porém, «O homem põe e Deus dispõe...» Uma inesperada indisposição de um dos nossos Padres, o nosso Padre Carlos, conduziu-nos para lá — já que ali estava internado.

A gentileza do Director Clínico de Cirurgia 3 e da Enfermeira-Chefe não podia ter sido maior: acessos, desimpedidos e uma boa sala de reuniões, permitiu a nosso encontro, ali mesmo, gozando da companhia do Padre Carlos que, de outro modo, não poderia ter estado connosco. No final da reunião encontrámo-nos na Capela do Hospital para celebrarmos a Eucaristia, contando, na assembleia, com a presença do senhor Doutor Amorim e sua Esposa, Doutora Ofília, médicos da nossa Casa de Paço de Sousa.

Esta reunião foi diferente. Muito diferente de algumas outras, por estarmos ali, simplesmente, sem formular grandes questões; mas, também, sem esquecer a agenda...

Dela, é dado conhecimento, sempre, ao nosso Bispo, Dom Manuel Clemente. Ausente no Retiro do Episcopado, em Fátima — não deixou de estar presente com a promessa da sua oração.

O que mais nos impressionou, neste cantinho, foi o clima fraterno, o apoio mútuo em palavras geradas no «coração da fé», no Senhor Jesus, a Quem procuramos seguir e servir. Significativas e repassadas, as do Padre Acílio ao Padre Baptista do Calvário, enquanto o procurava encorajar e incutir ânimo na sua caminhada de Cruz: «O Mestre também foi incompreendido e perseguido...». Com o refinado humor — que todos reconhecemos ao Padre Baptista — este, não deixou de ajuntar, acertadamente, em jeito de desabafo: «Mas o Senhor esteve no Calvário três horas, apenas, e consolado por santas mulheres; entre elas, a Sua Bendita Mãe... no Calvário, estou só... e há mais de 50 anos!».

Estas confidências tiveram um sabor inqualificável. Só na Eucaristia pudemos contemplar, na escuta da Palavra divina, o alcance pleno de quanto experimentámos; e que se tornou visível na atitude de fé, silenciosa e orante do nosso Padre Carlos: «Pai-nosso que estais nos céus, santificado seja a Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal». Era o Evangelho daquele dia — terça-feira, da primeira semana da Quaresma.

Padre João



DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

A falta de trabalho, de saúde, de bases familiares sólidas, a que poderíamos juntar outras razões, são situações que permanecem na vida de tantas pessoas e que as põem em situação de carência. Quantos Pobres vêm até nós, mês após mês, sempre em situação igual, sem conseguirem tirar as suas vidas de um caminho que parece não ter saída?!

O mundo também tem as suas carências, sendo a maior de todas, salvo melhor opinião, o equilíbrio. Dos seus desequilíbrios sofrem-lhes os homens os efeitos com gritos lancinantes de dor. Terramotos e tempestades que abalam a vida de nações, como nestes dias no Japão, país tão aparentemente equilibrado.

Nas pessoas, é o bom senso que define o equilíbrio das suas vidas.

Em anos recentes, assistiu-se a um desenfreado materialismo: espalhou-se aos quatro ventos uma mentalidade de ter e adquirir coisas, mesmo sem delas precisar. Sempre houve quem tivesse mais que o necessário, mas quando se generaliza e se multiplica o que cada um arrecada, está estabelecido o desequilíbrio e a fome que vem dessa fartura. Quanto mais fartos, mais famintos...

Na vida das pessoas e na vida do mundo os desequilíbrios provocam o choro, que é um apelo a que se procure e faça o equilíbrio. Os Pobres choram pela sua indignação; os ricos deviam chorar a sua abundância. Só assim, que não pelos números e técnicas, se leva a zero o fiel da balança. São contas de deve e haver que obrigatoriamente deverão dar resto zero.

Riqueza e Pobreza são ambas boas, se tidas na verdadeira conta; e a conta que as põe em relação não é algébrica, é espiritual — o amor.

Também Pai Américo operou com as virtudes, porque de virtudes se trata, e chegou ao seguinte resultado: «A nossa maior riqueza é a nossa pobreza».

Não serão muitos, ou até serão, os que se querem revestir desta veste. Certo é que só com ela se chega ao almejado equilíbrio de vida, pessoal, comunitário, do mundo. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

VIERAM tantos pequeninos este ano, que nem consigo saber o nome deles. A Casa-mãe ficou cheia. Foi necessário levá-los até ao Bilene, nos primeiros dias de Fevereiro, antes do começo das aulas, para justamente com outros mais velhos aprenderem a conviver, e juntos, terem uns dias agradáveis de férias, coisa que não conheciam e o tempo estava favorável, com uma temperatura a mais de trinta graus.

Acontece isto num momento, em que os jornais dizem que nas convulsões da Eritreia, qualquer criança que chegue a um hospital, ferida numa mão ou num dedo que seja é imediatamente morta. É horrorosa uma tal atitude, que reflecte apenas a aflição de não haver nada de nada para lhe acudir. Mas é espantoso o cúmulo da insensibilidade, no mundo de hoje com tanta ciência e tanta barbaridade. Nem que fosse um simples desinfectante. Que horror que no mundo de hoje, seja possível tanta carência e tanta miséria e não haja mesmo nada.

Estamos a lamentar-nos. Em Maputo andam tantas crianças na rua a pedir, e com outra insensibilidade, mas raiando a estupidez, se

lhes dá dinheiro que não faz falta, mas sem consciência nenhuma do mal que estão a fazer. Bem razão tinha Pai Américo ao dizer que «serão amanhã os nossos acusadores no banco dos réus, porque e a tempo não os fomos livrar da pior escola que há no mundo, a rua». Dos dezoito que andavam por lá a pedir, pelo Natal, só ficaram três. Os outros têm pais, ou pelo menos um deles, de que podem muito bem cuidar.

Na rua é fácil dar um «chega para lá» ou até fica bem dar-lhes uma moeda ou uma nota, que não fazem falta a quem dá, mas muito jeito a quem recebe, para gastar no jogo ou se mais avisado, para compra de alguma peça de roupa. Poucos levam para casa.

Ninguém se lembra entretanto, que está preparar gente para as Cadeias.

Estas estão cheias com adultos e menores à mistura, porque o Ministério ainda não arranjou lugar para os reter. Mas serão uns milhares aqueles que por lá estão. Muitos sem processo formado. De quantos sabemos que não passam das cadeias distritais, a troco de algum dinheiro. Outros, se até os policiais e seus superiores são

coniventes nos roubos e até assassinatos e não chegam a entrar.

Aí ninguém os visita e desconhece porque lá foram parar. Não há cadeias que cheguem para menores nem sequer alimentação suficiente. De tal modo preocupam as autoridades que não encontram outra solução que recolhê-los em cadeias de adultos. Mas, como digo aos nossos rapazes, se a rua é escola a cadeia é universidade. E como não há juízes, muitos menos tribunais que os julguem, passado pouco tempo saem em liberdade. Ou aqueles que também podem pagar um pouco de dinheiro aos guardas, são libertados pois nem sequer têm culpa formada. Procura-se obstar a isso nomeando Promotores de Justiça para todos os distritos. Mas será que advogados acabados de sair da universidade perante a infinidade de processos que têm de encarar, sem juízes para dar sentenças, a justiça em Moçambique vai funcionar? Se aqueles casos notáveis ficaram impunes, só haverá celeridade para os pobres, roubadores de nada? Como é pobre a Justiça em Moçambique, quando segundo denúncias, até a polícia e às vezes seus superiores são coniventes de roubos e assassinatos? □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

MAIS UM CASO DE PESSOA “ISOLADA” — Já aqui vos temos dado conta de casos acompanhados pela nossa Conferência que correspondem a situações de pessoas “isoladas”, algumas idosas, mas outras não. Estas situações são mesmo as que predominam no conjunto dos casos que actualmente acompanhamos.

Nos últimos tempos surgiu-nos outro. É pessoa na casa dos quarenta anos. Diz-nos a família e os amigos que sabe da sua arte. Felizmente, parece que também não é dos que foge ao trabalho. O problema é que durante muito tempo não se soube controlar no que respeito à bebida e aos “amigos”. Por isso, do que ganhava nem sempre chegava para o sustento da família. A influência da bebida também prejudicava seriamente a harmonia familiar. O resultado disso foi o divórcio. Parece que não ficou azedume entre marido e mulher, nem corte radical desta pessoa em relação à sua mulher e aos filhos que ficaram a cargo dela. De qualquer modo, foi uma família que se desfez, agora sem quaisquer esperanças de se vir a recompor, por razões que não vale a pena aqui expor.

Entregue completamente a si própria, a vida desta pessoa não tem andado bem. Foi cá da terra, mas tem andado por fora. Felizmente há mãos amigas que o têm procurado ajudar e querem continuar a ajudá-lo. Há possibilidades de o trazer mais para perto e, assim, estar mais de olho nele para o ajudar a reganhar a auto-estima e o auto-controlo de que precisa para ter uma vida digna.

Os Vicentinos aqui podem ajudar e já estão a ajudar desde que o caso chegou ao nosso conhecimento. Já falamos com todas as partes envolvidas (o próprio, os seus pais, a mulher, os amigos dignos desse nome). Pensamos que temos uma maneira de ajudar muito na sua recuperação que passa pela facilitação do acesso a alojamento condigno. No sítio onde está, numa freguesia vizinha, as condições em que vive são desumanas. Vamos ver se por aqui a vida desta pessoa muda de rumo definitivamente para melhor.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

PADRE CARLOS — Queremos, aqui deste cantinho endereçar ao nosso Padre Carlos, as melhoras e que Deus lhe transmita a força necessária para debelar as maleitas de saúde que o têm apoquentado. Ainda contamos consigo e com os seus avisados conselhos mas acima de tudo, com o seu exemplo de vida e coragem.

PASSEIO — O tradicional passeio da Associação está já marcado para dia 15 de Maio (Domingo) e será uma visita ao Gerês e S. Bento da Porta Aberta, onde se fará o almoço partilhado. Por isso, já sabes, trás o teu “merendeiro” que a animação e a música já estão garantidas. Para a inscrição bastam 10€, acessível aos associados. Faz já a tua reserva pelos telef. 912163569 ou 917414417 pois já há poucos lugares disponíveis.

CARNAVAL — Decorreu com alegria e bastante animação o nosso cortejo de Carnaval. Cerca de 30 figurantes mascarados a preceito, percorreram a Av. Central de Paço de Sousa e foram recompensados com uma bela merenda onde não faltaram as pataniscas de bacalhau da Eulália do “Quim Peroselo” e as bifanas da Rosa do “Miguel Peniche” assim como outras iguarias partilhadas por todos. Também foram distribuídos prémios para as máscaras mais originais.

DESPORTO — Estamos a organizar caminhadas aos Domingos de manhã, como forma de nos mantermos saudáveis e praticar desporto é uma forma de manter o corpo são em mente sã. A primeira caminhada contou com cerca de 15 elementos aos quais se associou o Álvaro Candeias, vindo de Angola, assim como o “Ulisses” e família. O “Nera” também marcou presença. Apelamos aos associados mais próximos que se juntem a nós, pois agora começa a ser apelativo dar umas boas caminhadas ou mesmo umas corridas de atletismo, já que a chegada da Primavera a isso convida.

De referir a participação de vários elementos da Associação, na caminhada e corrida do dia do Pai, no passado Domingo, dia 13, na marginal da foz do rio Douro, no Porto.

LOJA SOCIAL — Já está a cumprir o objectivo para que foi criada pois tem sido uma preciosa ajuda para alguns antigos gaiatos, já que têm chegado ofertas dos nossos amigos e benfeitores.

Registamos ofertas várias da Luísa Correia, de Penafiel e da Maria José, de Paredes, assim como da Maria Adelaide de Rio de Moinhos.

Caso tenhas algo que já não faças uso, como roupas, calçado, têxteis lar ou electrodomésticos, contacta pelos telefones 912163569 ou 917414417.

A todos os nossos benfeitores um bem-haja.

ACTIVIDADES — Já se iniciaram as aulas de desenho e pintura, assim como as aulas de guitarra clássica e cavaquinho. Se tens gosto e vontade de ocupar os Sábados, vem até à sede e darás o tempo por bem empregue. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — O nosso André «Garnisé» está de volta aos relvados. A sua humildade, fez com que o castigo ficasse reduzido. Era para ficar na «prateleira» o resto da época, mas... cumpriu apenas dois jogos. Ele tem alturas que..., mas depois, imita o antigo «Zé da Lenha», como nos conta Pai Américo naquele episódio do café sem açúcar: «(...) *Ele tem-me prometido que não torna, sim. Ele promete e naquele momento creio que é sincero e firme. Mas vem o açúcar e ele é docinho e não está ninguém a ver...!*».

Ora, o que se passa no campo da bola, toda a gente vê! Espero que desta vez seja para valer.

Este fim-de-semana, foi a vez de recebermos a poderosíssima equipa de Juniores do Amarante F. C., segunda classificada da primeira divisão distrital da A. F. Porto. Os nossos Rapazes bateram-se como “leões”, mas não conseguiram evitar a segunda derrota da época, apesar de Octávio e André «Garnisé», terem feito o gosto ao pé. O primeiro golo do Amarante foi um auto golo do nosso defesa central. No entanto, uma coisa é certa: contra a força não à resistência — eles eram mesmo fortes! Podíamos ter feito um pouqui-

nho melhor — como diz o nosso querido Padre Telmo — se depois de estarmos empatados a uma bola, soubéssemos defender. Dizem... que a melhor defesa é o ataque, mas quando não há ovos, não há omeletas!

Eu não gosto daquela..., fulano e mais dez, mas, Ronaldo continua a ser o pulmão da equipa! Sinceramente, não sei onde é que aquele



MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

QUARESMA — O tempo da Quaresma deste ano começou a 9 de Março e, entre nós, também com a celebração da Quarta-feira de Cinzas, que foram impostas sobre a nossa cabeça. Alguns ficaram admirados com este gesto...

ARRANJOS — Tem-se continuado a pintar algumas partes da nossa Casa. Assim, pintaram-se o corredor da sala de costura e a sala de jantar. Seguem-se os quartos da casa-mãe, rés-do-chão e 1.º andar.

FESTAS — Para além da festa no Coliseu do Porto, a 21 de Maio, em que vamos colaborar com a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com muito gosto, estamos a preparar uma festa

no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra a 11 de Junho, Sábado, pelas 15.00h. Aos nossos Amigos pedimos que não falem a estes espectáculos.

AGROPECUÁRIA — Nas mini-férias de Carnaval, cortou-se a relva de alguns jardins e tirou-se estrume das ovelhas. Nos campos de aveia, foi deitado adubo para crescer melhor. Brevemente, a palmeira em frente ao refeitório terá de ser abatida, pois foi atacada por uma praga.

DESPORTO — Para além do futebol, a feijões, temos andado de bicicleta; mas, é preciso cuidado e duram pouco, pois alguns andam acelerados e são usadas. Numa salita do des-

portado, junto ao salão de festas, vamos aproveitar umas prateleiras que nos deram para arrumar algum material desportivo. A 2 de Abril, Sábado, de tarde, receberemos o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Sejam bem-vindos!

Em relação à comitiva amarantina, foi exemplar. Gente de uma educação e com um sentido humano impressionante. Não pelo facto de nos ter oferecido bolas, coletes e de nos ter convidado para nos deslocarmos a Amarante, mas pela razão que os move nas andas futebolísticas naquele clube, sobretudo, com as camadas jovens. Daí, o eles terem dito que ficaram satisfeitos com o nosso convite: «*Para além do futebol, temos o dever social. Não andamos à procura de fazer ‘Cristianos Ronaldos’.* Os estudos e a formação deles para o futuro, está acima do futebol». É gente como esta, que nos obriga a não baixar os braços.

Uma semana depois, foi a vez de nos deslocarmos a casa do S. C. Rio de Moinhos. Jogar em casa do adversário, já não é fácil, mas sem o nosso guarda-redes titular — pior fica o “doente”. Ainda marcámos um golo, o que não foi o suficiente para desfazer a dúvida de quem seria o justo vencedor. Uma coisa é certa: se nos tivéssemos preocupado menos com o trabalho dos outros..., tínhamos dado a volta ao resultado. Só nos podemos queixar de nós mesmos! Tudo o resto, são desculpas esfarrapadas! A bola joga-se com os pés, e não com a boca. □

ARRUMAÇÕES — Nalgumas secções de um edifício a nascente, chamado do lar, tentou-se pôr ordem para serem usadas como armazém, outra sala de estudo e biblioteca. Algum mobiliário que havia na carpintaria e na ex-tipografia foi deslocado para zonas onde tem utilidade. O antigo sistema exterior das velhas câmaras frigoríficas, no ático da despensa de baixo, foi desmontada, pois estava a estorvar. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«*É sempre com muito gosto e grande alegria que recebo O GAIATO, do qual sou assinante há muitos anos. Primeiro, era o meu Pai, que faleceu há uns anos, e, depois, ficou no meu nome.*

É sempre com muito prazer que o leio e releio e estou, por isso, a par das notícias. São muitas as necessidades e, como sei que os donativos são bem entregues, vai hoje mais um, com pena de não poder mandar mais... são muitos os que precisam, infelizmente.

O Senhor me continue a dar saúde para poder distribuir.

Assinante 14081»

«*Querido Pai Américo, quero agradecer a graça que vos pedi e que me concedeste.*

Aqui vai a minha oferta, que foi vestir e calçar um protegido vosso.

Agora, dirijo-me a vós, cá presentes, que rezeis por mim nas vossas orações, pois eu ainda preciso de ajuda e que Deus me dê força e coragem para eu seguir em frente e merecer todos os momentos mais difíceis da minha vida.

Um muito obrigado a todos vós. Que Deus vos ajude a continuar com a vossa missão, tão preciosa, pois têm feito um bom trabalho.

Uma Vicentina»

«*Sou a assinante que anda sempre atrasada com a assinatura; mas a idade, a solidão e a reforma já baralham esta cabeça de 83 anos.*

Leio sempre O GAIATO de fio a pavio e comovo-me muito com o Património dos Pobres, muito gostaria de ajudar mais..., mas, infelizmente, a reforma é pequena e tenho de me bastar a mim mesma.

Peço uma oração pelos meus entes queridos que me ensinaram a amar a vossa Obra.

Assinante 19830»

«*Servem estas palavras para agradecer tudo o que vocês fazem para o bem de tantos rapazes, e não só. A mim, concretamente, dão-me grandes lições de vida. Gosto imenso de ler O GAIATO. Fico encantada com as histórias verdadeiras que saem do Calvário. Fazem-me bem à alma e ao coração.*

Sou triste por natureza. Tenho épocas que desespere e vivo angustiada, mas ao ler o vosso Jornal sinto que sou privilegiada. Peço que não se esqueçam, nas vossas orações, pedirem a Jesus por mim e pelos meus familiares. Eu rezo por vós. Obrigado.

Assinante 28533»

Desde que começámos a preparar a nossa Festa, as manhãs dos Sábados ficaram reservadas para os ensaios. Quando é necessário afinar algum pormenor, arranja-se mais algum tempo nos fins-de-semana já que à semana não é possível devido à dispersão dos nossos rapazes por várias escolas e em diferentes lugares.

A dois meses de distância do Encontro com os nossos Amigos na magnífica Sala do Coliseu do Porto, mais precisamente no dia 21 de Maio, pelas 16 horas, vamos traçando o fio condutor dos momentos a pôr em palco. Pai Américo, sempre presente no nosso pensamento e coração, é fonte de inspiração e de exemplo à nossa reflexão e meditação, que queremos partilhar com tantos Amigos que o conheceram em vida ou se sentem impedidos a fazê-lo pela sementeira e frutos da sua Obra.

«A Obra não é do Padre Américo» ou «a Obra não é minha», repetiu vezes sem conta, com a inteligência «do que não aparece» e que a sabedoria de Deus lhe permitia claramente ver.

«A minha obra começa quando eu morrer», foi a convicção profunda que Pai Américo expressou antes de partir para junto do Senhor que o inspirou e impeliu a espalhar a vida onde a letargia da morte dominava.

Desde que mais juntinho a Ele, pôde influenciar e, sem fazer, nunca acabará de promover o que desde essa hora começou.

Queremos estar unidos a ele, e com ele, ao Senhor que o fez Pai de uma imensa multidão que vai sempre aumentando no tempo e para o tempo sem fim.

Ontem como hoje, «é preciso pôr Deus no Seu lugar», também ontem como hoje coisa difícil para os homens sempre tardos em entender as coisas simples e a escolher as complexas para se auto-elevarem no seu próprio conceito.

«Olhai as aves do céu... Olhai as flores do campo...», o simples e relativo a conduzir-nos ao Absoluto, o visível ao Invisível. Pai Américo teve a graça desta Luz e foi constituído reflexo dela para muitos no seu tempo e para nós outros, hoje.

Padre Júlio

GAIATOS

Coliseu do Porto

Sábado, 21 de Maio – 16 horas



Bilhetes à venda:

- Bilheteiras do Coliseu
- Casa DINA – Rua Mártires da Liberdade, 30
- Casa do Gaiato – Paço de Sousa

www.obradarua.org.pt • paco.de.sousa@obradarua.org.pt

SETÚBAL

Padre Acílio

Veículos

QUEM trata dos nossos carros e tractores?

Meu Deus! Se fôssemos para as oficinas, ficávamos de rastros. Há muitos anos, que o Carlos Martinho é nosso mecânico. É ele que diagnostica a avaria, propõe a respectiva receita e, com os seus conhecimentos, vai comprar onde é mais barato e melhor, as respectivas peças.

Se algum rapaz espatifa uma carrinha, lá vai ele aos sucateiros, em busca dos acessórios correspondentes. Visto que o seu conhecimento na região é alargado e a sua seriedade, notória.

Esta nunca deixou de ser a sua Casa, embora tenha a dele, com os filhos e a esposa, no centro novo da cidade.

De vez em quando, agarra na mulher e nos filhos e vem, com eles, até nós passar um pouco de tempo, espelhando a mesma devoção e encanto que os filhos dedicam aos pais.

Foi chefe da oficina da Soonda e, agora, comanda um dos maiores e mais avançados espaços de reparação automóvel, em Setúbal.

Pôs-nos a andar o tractor amarelo, arrecadado há anos, na cave do Lar e tanto jeito nos tem dado para carregar e descarregar os carros, com uma pá mecânica, também ela, a apodrecer num canto.

Consertou o tractor velho, que dá agora o comer ao gado, ficando sempre atrelado à máquina da alimentação, disponibilizando os outros, para os afazeres do campo, sem estar, diariamente em engatar e despretender a alfaia. Assim, o gado come a horas e os outros tractores ficam libertos para as suas tarefas.

O tractor pequeno, vinhateiro, sofria também o mesmo abandono e descansava na sua garagem, enquanto os pomares eram comidos de erva e morriam à míngua.

O Carlos veio e pôs tudo a mexer.

Maior problema surge quando o quero compensar com alguma coisa: — Tens mulher e filhos!

— Ah! ... Deixei-se disso.

O Carlos tem mais dois irmãos aqui criados — homens de família, de trabalho e de luta! Mas, ele que foi chefe é o mais devotado.

Chinfrim

ONTEM, houve aqui em casa zaragata por causa de um boné. O Velas fez anos e um amigo ofereceu-lhe um dito de grande pala.

Com aquilo na cabeça o rapaz julgava-se general! Estamos na época do afigurar-se, a qual, na juventude, ainda mais se acentua.

Várias vezes, advirto os rapazes que ninguém é, pelo penteado, pelo vestir, nem pelo perfumar-se. Cada um é pelas suas acções, sentimentos e assunção de responsabilidades. Quem é cumpridor dos seus deveres, dedicado ao trabalho e ao estudo, respeitador dos superiores e colegas, e generoso com todos, impõe-se à admiração alheia. Não precisa de folclore para ser notado.

Mas aquele boné dava figura! ... E o Velas, também aprecia!

Veze, tirou-lho, sem ele dar por isso; guardou-o na mochila da escola. Aquilo, no meio da malta dá brilho.

Semani que é de todos o mais tentado, pisgou-lho da mochila e, na escola, emprestou a um amigo que, visto pelo Velas, foi interrogado sobre a origem de tão original “capacete”.

O lesado não se conformou e veio fazer queixa.

Semani defende-se acusando Velas de lhe ter roubado dinheiro e que só lhe dava o boné se ele lhe desse o dinheiro. Velas nega e retorque que isso é manha de Semani para se defender. Chamei o chefe da casa que sem pôr a questão em pratos limpos afirmou: — Isto é tudo uma mentira e eu não sei quem mente mais.

Fez-se silêncio e eu rematei: — As mentiras é o que dão.

O pai da mentira é o Diabo — disse Jesus.

Mandei buscar o boné e dá-lo ao Velas. Pelo menos o mar acalmou-se. □

MALANJE

Padre Rafael

Vós sois a luz e o sal

A terra gira e enquanto em algumas partes do mundo é dia, noutras é noite. Como se fosse inevitável: «O desenvolvimento de uns só pode ser à custa da miséria de outros». Somente aqueles que têm capacidade de luz podem penetrar na escuridão, para que os outros, pelo menos, perciam o medo. Além disso, o sal dá sabor e é capaz de preservar o que se vai perdendo. Como se fosse inevitável: «O que não é consumido hoje, amanhã será desperdiçado». Somente aqueles que têm a habilidade de salgar podem aproveitar o que está prestes a estragar-se, para que alguns, ao menos, possam ter outra oportunidade. Penetrar o desconhecido... acolher o desprezado... criar uma oportunidade.

Estava internado no hospital para morrer. Ninguém sabe o seu nome e muito menos se sabe da sua família. Tudo o que sabemos é onde vive... numa lixeira perto da Catedral de Malanje. Mora lá há anos. Come do que encontra e do que lhe dão. As crianças que vivem na mesma rua, dedicam-se a insultá-lo e a rir-se dele. Parece que tem uma doença mental.

Avisou-nos a menina Maria José (como carinhosamente a chamam em Malanje). Uma leiga que leva mais de 40 anos em Angola, dedicados à Caritas, e que abriu dezenas de cozinhas, em tempo de guerra. Com mais de 70 anos, continua infatigável na luta contra a pobreza.

Aparentemente encontrou o rapaz caído no chão e imediatamente o levou ao hospital. O médico pensou que não passaria dessa noite. Foi

recuperando lentamente e começaram a surgir os problemas, porque era preciso encontrar um lugar para ele estar e não é tarefa fácil encontrá-lo. Depois de baterem a muitas portas, sem sucesso, vieram bater à *Porta Aberta*, que nunca se fecha: a Casa do Gaiato.

Esta semana iremos vê-lo ao hospital, visto que tem de sair. Padre Telmo, Quim e eu pensamos o mesmo. Os rapazes que vivem na rua são os filhos da Casa do Gaiato. Não sabemos como nos vamos organizar para dar-lhe as mínimas condições de vida, ao menos um pouco de esperança. O que sim, sabemos, é que na próxima semana vai aumentar o número da nossa família.

Finalmente saiu a lista a dividir responsabilidades e trabalhos. Como em todos os anos, criou-se uma grande expectativa em torno dela, mas o mais gracioso é ver os mais pequeninos queixarem-se porque não saiu o nome deles nela; e alguns dos mais velhos porque têm de assumir a mesma responsabilidade um ano mais. Contudo é uma alegria ver como os nossos rapazes, a pouco-e-pouco, assumem com mais entusiasmo as suas tarefas e se sentem orgulhosos de poder colaborar com a sua Casa.

O contentor que nos enviaram de Portugal, ainda não chegou. Na verdade, a cada dia são maiores os problemas que temos para levantar o contentor do porto. Por outro lado, comprar todas as coisas aqui é muito caro. Neste momento, já começou a Escola e os rapazes precisam do material escolar. Vamos esperar uma semana mais para

ver se o contentor chega. Temos uma empresa que nos ofereceu um transformador para a Casa do Gaiato, pois os postes de energia chegaram há muitos meses. O problema é que o dito transformador é em segunda mão e ainda não conseguimos repará-lo.

«Hoje é Domingo, temos pão com manteiga», diz o Eliseu, enquanto corre para a sala de jantar. O Eduardo, o «Tem-bicha», o Jamba e o Lindo continuaram a brincar com os carros feitos de caixas vazias que sobram da ordenação do Quim. Depois, vão todos jogar futebol, como de costume, enquanto celebrou Missa pelas aldeias. Padre Telmo irá à Carianga com os rapazes que têm de ir pastar as vacas. A vida está cheia de rotinas que iluminam o nosso dia-a-dia, e depende de nós que não falte o sal para que tudo esteja ao gosto de todos.

* * *

Mingo está em nossa Casa. De momento, colocámo-lo com o Mocas, para ver se se habitua à nossa Aldeia. O resto dos rapazes encarregam-se de o levar para o refeitório e dar-lhe a roupa de que precisa. Neste momento, Mingo está sobre o coberto da Casa-Mãe, aninhado numa coluna. Apenas diz uma palavra e está horas e horas com o olhar perdido.

Foram mais de 16 os rapazes que chegaram tarde das férias deixando o ano escolar em suspenso. Receberam o castigo de realizar o trabalho comunitário do fim-de-semana durante o ano todo. Como se diz: «a grandes males, grandes remédios».

Padre Telmo assumiu as aulas de alfabetização que eu estava a dar. Os rapazes estão muito contentes e eu mais ainda porque estou mais aliviado. O nosso Diácono Quim, vai realizar a sua etapa de Diaco-

nado em nossa Casa, até à ordenação Sacerdotal. Depois desse tempo, será a Obra da Rua a decidir o seu processo até à plena integração na Obra e na Casa do Gaiato que lhe for indicada.

O Administrador de Kalandula parou a nossa exploração de madeira. Isso quer dizer que se agudiza a nossa situação económica, pois que com o corte da madeira tínhamos uma das maiores entradas de dinheiro em Casa. Mais uma vez temos de assistir ao triste espectáculo de pessoas que dizem servir o povo. Como dizia um grande sábio do século XX: «Para que um país se desenvolva correctamente, há dois tipos de pessoas que têm de sair dos cargos administrativos públicos. Estes são os corruptos e os incompetentes»

— reflexão válida para qualquer tempo e em qualquer governo.

É do conhecimento geral a minha alergia ao veneno das abelhas e, como era de esperar um dia tinha de acontecer. Há dias, trabalhava com o tractor e, sem me aperceber, quebrei um enxame de abelhas. Quando dei conta, voavam elas em meu redor. Quando me picou a primeira, saltei do tractor e caí no chão com o rosto coberto, fui picado uma e outra vez. Passados uns dez minutos, quando julgava que voltava para o Pai, despertei e corri em direcção da nossa Casa, que ficava a mais de quilómetro e meio. Ao chegar, pedia à Irmã Célia que me injectasse os medicamentos e, milagrosamente, hoje posso continuar a escrever-vos desde este cantinho de Angola. □

BENGUELA

Padre Manuel António

A O iniciar estas Notas, meus olhos poisaram nesta frase do Profeta: «Reparte o teu pão com o faminto, dá pouxada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante». O coração de Pai Américo foi queimado por este fogo de amor. É preciso acender fogueiras de caridade em cada lar. Este tema vem a propósito do tempo litúrgico que estamos a viver. É a Quaresma. As grandes dificuldades por que o povo está a passar, em qualquer parte da terra, têm uma resposta digna na justiça social. Porém, a alma é o amor. De contrário, a justiça pode tornar-se uma realidade morta, deixando miséria atrás de si. A experiência diz a verdade. Podemos afirmar que tudo é importante na vida, quando a caridade não falta. É assim mesmo. Eis o critério mais seguro para uma avaliação do valor das nossas vidas. Quem dera fôssemos capazes de ter a coragem de dar passos neste sentido. É a morte ao egoísmo, à indiferença, à auto-suficiência. É a vitória da solidariedade social, com a vida mais feliz, mais realizada.

Ao cuidado da Casa do Gaiato estão os seus rapazes, seus filhos, desde os 4 aos 28 anos. O último foi nomeado professor da nossa escola, este ano. Catorze deles, com mais de 20 anos, levarão, comigo, amanhã, a sua documentação para a tentativa de emprego, numa empresa pública. Quem dera! A força da justiça e do amor vai ser provada. Dezenas de famílias vivem dependentes da Casa do Gaiato, desde o tempo da guerra, fugidas das suas terras. Ao longo dos anos, nasceram e cresceram os filhos. Falámos, com insistência, para regressarem aos seus lugares de origem, pois a guerra acabou. Não conseguimos este objectivo, pois a resposta era sempre a mesma: A Casa do Gaiato é a nossa mãe, até ao fim da nossa vida. Perante os problemas gravíssimos que iriam encontrar, com a falta de casas, de hospital, de escola para os filhos, não fomos capazes de tomar outra decisão. Ficaram connosco. É, sem dúvida, um peso muito grande para a nossa vida. Vamos levá-lo com a força do amor. Do vosso amor, também, pois, doutra forma não será possível. Que seria desta gente sem a força da caridade? A

miséria e a indignidade seriam o seu pão de cada dia.

Vamos abrir os nossos corações até onde for possível. Por vezes, quem sabe?, temos medo de amar, porque temos medo de perder. O que damos por amor sincero nunca é desperdício. Pode ser um corte na nossa vida mais fácil. Que importa? A riqueza autêntica das nossas vidas está na grandeza do nosso amor. Somente entendemos, quando experimentamos. Estou a lembrar-me daquele jovem que levava, em seu coração, um amor tão grande pelas crianças abandonadas que estava disposto a deixar tudo. Quem dera não tenha perdido essa riqueza! São tão necessárias estas vocações! O Pai do Céu sabe onde estão.

Ao olharmos para o nosso campo agrícola, a cabeça enche-se de aflição. Falta-nos a pessoa disponível e com a sabedoria necessária para que a terra produza a abundância de que é capaz. Em todos os empreendimentos o problema primeiro é a pessoa que está na base. Ainda não conseguimos. Esperamos. A falta do tractor agrícola é outro problema que há-de ser resolvido. Confiamos.

Mais um pequenino abandonado está a bater à nossa porta. Vai entrar para enriquecer esta Família. Estai connosco! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

DESDE manhã que estou para escrever o Património e os pobres não me têm deixado. Ele é as rendas de casa, as receitas, a água e a luz cortadas e até o almoço dos pequenos ameaçado de ser suspenso na escola. Parece impossível, uma escola, negar a refeição a uma criança de seis anos quando a mãe não pode pagar. Foram 63,37 euros. Ao que nós chegamos. E o que estará para vir?

Vale-me ser a Casa do Gaiato uma Obra de Rapazes que agrega, por Amor de Deus várias pessoas, as quais dão a vida toda, continuamente, aos Rapazes e aos Pobres. Se não, com esta pressão permanente de pessoas a bater a porta, ia tudo abaixo.

Os infelizes vêm com os olhos postos na ajuda que irão receber e no alívio que ela trará aos seus apertos.

Comprei 200m² de tijoleira e já a dei toda para compôr casas em péssimo estado, dadas pela Câmara a famílias numerosas. Sem tacos nas salas, nos quartos, nos corredores, sem portas interiores, sem loiça nos sanitários e sem torneiras ou misturadoras nos canos de água.

As rendas de casa são baixas, mas há um mínimo de dignidade que se devia preservar. Dignidade das famílias e dignidade de quem aluga.

Parece que as leis não ajudam, antes impedem, que as Câmaras sejam livres em pôr rapidamente as casas em ordem, antes da entrega e que, a meu ver, a decisão de alugar uma casa de qualquer jeito, se assemelha à minha ajuda de comprar chapas para cobrir uma barraca feita de contraplacados velhos.

Que ninguém saiba, que ninguém divulgue que o padre faz erros desta natureza, ele que escreve e prega que uma família deve viver numa casa, nunca numa barraca. Agora, é ele, que com dinheiro do Património, compra chapas e dá madeira velha para erguer uma barraca!...

Isto brada aos céus!... E faz sangrar o coração. Não há outra saída.

Sei que a Câmara faz o que pode. Mas tudo também, porque as leis são feitas nos gabinetes por académicos sem prática de vida. Gente que desconhece a realidade e não se dispõe a percebê-la por ser dura e porque eles é que sabem. Os que andam cá por baixo, são uns ignorantes.

Uma habitação capaz concorre para dignificar uma família e o contrário é igualmente certo.

Embora se possa pensar que o trabalho e o arranjo da própria casa poderão contribuir para a estima da mesma, o que é verdade. Acontecendo, porém que as pessoas, não tendo meios suficientes nem capacidade, se metem lá dentro de qualquer jeito, pois é melhor estar debaixo de telha do que sob um pano ou qualquer abrigo, na rua.

Uma entidade pública nunca se deve impor, só com as leis, como hoje é aceite, e os homens julgam erradamente. A autoridade brota sempre da coerência com a própria vida. As leis só aclaram.

O facto de se entregar a uma família, casas sem condições, avilta igualmente a dignidade da instituição que o faz.

Na sexta-feira passada fiquei doente.

Às vezes, por instinto, dá-me vontade de fugir!

Era um casal com três filhos. Vinham-me pedir ajuda e traziam me um papel para eu ler. Estava de saída com rapazes que tinham aulas. Não podia demorar para eles não faltarem às mesmas.

Agarraram-se os dois à carrinha junto de mim e, por força, que tinha de ler aquele papel.

— Não posso. — E arranquei.

— Então demora muito?

— Não sei.

A tarde ia adiantada quando regresssei a Casa mas eles não arredaram.

As caras revelavam indizível sofrimento.

Ela saíra do hospital, onde esteve internada com anemia e, arregando a manga da blusa, mostrava-me o negro, causado pela seringa.

— Olhe o meu estado.

A menina de dois anos, toda assadinha por falta de fraldas e já com equizema nas nádegas e costas era exibida pela mãe:

— Olhe pra isto!...

Queriam que lhes desse uma casa:

— Dê-nos uma casa que a gente morre debaixo da tenda.

— Oh! Homem, arrende uma casa que eu pago os dois primeiros meses. — Disse e repeti.

Ele aliviou-se mas não retirou. Dei-lhe 25 euros que tinha arranjado com a venda de laranjas, para comprar as fraldas. Perguntei-lhe se tinham fome e o João da cozinha, pôs-lhes a mesa e serviu sopa quente do almoço com segundo aquecido no forno do fogão. Mas não se iam embora. Voltaram sobre mim a insistir:

— Olhe que a gente não é capaz de arrendar a casa. É preciso rieszse e um fiador. Sem rieszse nem fiador ninguém nos aluga uma casa.

— Mas eu dou-vos um cheque, logo com dois meses. Vocês vão procurar, trazem-me o nome do dono e vão ver que arranjam. Vá, tenham coragem. Há gente que arrenda, mesmo sem recibo. O que vocês precisam é de casa.

Depois de muito andarem à minha volta lá se foram desanimados balbuciando dolentemente: «A gente não tem rieszse nem fiador».

O IRS é um imposto para as sociedades organizadas. Não para esta gente ignorante e incapaz!

«A gente não tem rieszse!...»

Como me dói!... □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Da purificação

O estrume não é um desperdício. Às vezes, parece que os restos são prejudiciais e não se podem transformar; só se poluírem o ambiente e demorem a degradar-se.

Os últimos partos, no ovil, deram-nos sete anhos escorreitos, que não têm largado as progenitoras e saltam vivaços nos pastos verdejantes, quando saem do seu redil abrigado. São bem alimentados com palha de aveia, produzida em abundância, para que as terras não fiquem a monte e disputando a junça bravia. Depois do tempo de aconchego nas cortelhas, onde viram a luz do dia e cresceram mais afagados, encontram-se agora no seu rebanho, que esta Família protege e não se deseja de ovelhas perdidas. Evidentemente que esta cama de gado, pisada e consistente, cresceu a olhos vistos, ainda por cima com a acumulação da mistura de matos, bem necessário cortar nos montes, de palha e mais do que tem caído, mas que não se perde.

Uma tarefa que não podia esperar, antes das Cinzas, foi limpar essa corte de esterco para tornar mais agradável a vida daqueles pequenos ruminantes, tão do agrado dos pequenitos, em especial pela ternura dos cordeiritos.

Colocado um atrelado a jeito da empreitada, ficámos impressionados com o trabalho de alguns infantes gadeiros; que, armados de forquilhas, lançaram para o alto, tenazmente, o que estorvava nesse curral.

E, entretanto, interpelaram-nos, garbosos: — Está a ver! Fomos

nós que carregámos este estrume todo!

O contraste acentuado entre o estábulo mais asseado e a sujidade temporária da indumentária dos Rapazitos, tratadores de gado, preparou-nos também para entrar neste tempo forte e apelativo, que afinal é um estado permanente e do qual sozinhos não nos lavamos e levantamos.

Nós gostamos da terra lavrada, com húmus, ansiosa por boas sementes e da chuva de mansinho, na qual as avezitas fazem um festival aéreo. O serviço, mesmo simples, à comunidade é eficaz para a construção segura da personalidade e da sociedade.

Verdade seja dita que as mãos humanas podem transfigurar a nossa vida e até ser instrumento para dominar a comunicação despropositada, quando há futilidade no quotidiano e possibilidade de ocupação sadia. Não queremos criar filhos *enrascados*, diante de nuvens cinzentas.

Se a sujidade dos gados urgia uma limpeza, um dos aspectos em que precisamos de caminhar, para além da instrução segura na língua materna, cuja exigência tem decaído, é nos assomos de desvios na linguagem que bem precisam de ser desinfectados.

São deslizos ocasionais, em desacordo ortográfico, aos quais se devem fechar a porta e acontecem nos relacionamentos, mais em momentos de tensão, até porque os garotos estão marcados por ambientes e agitados por ventos confusos. Neste descontrolo das palavras, na conversa-

ção, não é só o fogo que se ouve e não se vê... Se formos capazes de pôr um freio na boca, nesses momentos, é um exercício cuja actualidade não se discute.

Se ouvirmos palavras que nos deixem mais instruídos ou a meditar, valeu a pena estar à escuta. Raros têm mergulhado no grande silêncio, até da Cartuxa. E aí falam a Deus dos homens e mulheres e crianças. Neste tempo ruidoso e até apavorado com a fúria monstruosa das ondas, a oriente. Se, noutra tempo, os flagelos dos gafanhotos e da seca fizeram o profeta Joel exortar ao arrependimento, as sociedades pós-modernas continuam a querer construir as suas torres de Babel em frágeis seguranças, amorais e pseudo-tecnológicas, desrespeitando a Criação.

Se há indigência de conversão, é mais fácil ensinar a acartar estrume do que a libertarmo-nos da poluição mental que invade as comunicações.

O Lavandeiro dos corações chama-nos sem cessar e realiza apaixonadamente a purificação da consciência humana. Fitemos os olhos na Cruz e o mundo será melhor! □

PENSAMENTO

O *sim* é uma palavra cheia. Quando temos no peito um desejo honesto que dependa deste advérbio, damos graças a Deus que deu aos homens a fala.

PAI AMÉRICO